

J.-P. Caron |
**Contagion and Visibility:
 Notes on the Phenomenology of a Pandemic**

(2020-04-01)

J.-P. Caron is a philosopher and artist based in Rio de Janeiro, Brazil. He is an associate professor of philosophy at the UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), he militates in the Circle of Studies of the Idea and Ideology (CSII) - an international political collective dedicated to examining the viability of the “communist hypothesis” today, and is an instructor for the New Centre for Research and Practice. He has been practicing noise and experimental music for more than fifteen years and he manages with friends his own label, Seminal Records. Together with a collective of like-minded artists and philosophers, he maintains Fosso - a space in Rio for philosophical/political reflection and artistic endeavors.

Federal University of Rio de Janeiro
 jpccaron@gmail.com

J.-P. Caron |
**Contágio e visibilidade:
 notas sobre a fenomenologia de uma pandemia¹**

(2020-04-15)

J.-P. Caron é um filósofo e artista radicado no Rio de Janeiro, Brasil. Ele é professor associado de filosofia na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), milita no Círculo de Estudos da Idéia e Ideologia (CEII) – um coletivo político internacional dedicado a examinar a viabilidade da “hipótese comunista” hoje e é instrutor do New Centre for Research and Practice. Pratica música de ruído e música experimental há mais de 15 anos e possui com amigos seu próprio selo, a Seminal Records. Juntamente com um coletivo de artistas e filósofos com idéias afins, ele mantém o Fosso, um espaço no Rio de Janeiro para reflexão filosófica, política e artística.

Universidade Federal do Rio de Janeiro
 jpccaron@gmail.com

1. I must start by offering a somewhat insincere apology since I am here approaching theoretical themes that have to do with representational purport and the visibility of the phenomena such representations might yield. It is an apology in the sense that in such urgent times it seems like a luxury to be enmeshed in the field of not scientific theorization about the virus, which is not the business of a philosopher, but of the theorization of the conditions of theorization of the social/natural situation we are in. But it is also insincere in the sense that the justification and worth of such an endeavor shall be given in the context of the development here pursued. For the moment, we shall put our confidence in Slavoj Žižek’s dictum: “Don’t act, think,” for thinking paves the way to what shall be done, when what shall be done is not provided by our habitual protocols of action. In a sense, I am not proposing solutions, though, much more stating why it is so difficult to implement solutions from the point of view of the subject through a sketch of a phenomenology of the situation of contagion.

A transição entre mundos aqui sendo examinados não é apenas uma transição entre dois mundos visíveis, mas é também o surgimento de algo a partir da invisibilidade. Uma invisibilidade que é o resultado de uma diferença de escala entre os fenômenos. O próprio vírus como exemplo dessa invisibilidade se torna visível apenas por seus efeitos: tanto a doença, se contraída pela pessoa, quanto outros efeitos em escalas de tempo diferentes, e dispersas espacialmente: os efeitos na dinâmica social e na economia. Os efeitos que estavam faltando, embora fossem esperados, no meu passeio pelas ruas do Rio de Janeiro quatro dias atrás, e que começavam a se tornar presentes dois dias atrás.

1. Devo começar oferecendo um pedido de desculpas um tanto insincero, pois estou aqui abordando temas teóricos relacionados

¹ Published in: *Lavra Palavra* (April 15, 2020). <https://lavrpalavra.com/2020/04/15/contagio-e-visibilidade-notas-sobre-a-fenomenologia-de-uma-pandemia>, trans. from the English by the author.

2. The issue I intend to tackle briefly has to do with a conversation I had with a friend a few days back about the situation of the virus here in Brazil. At the time, we were talking to a friend from abroad, incidentally an Iranian friend living in Canada, explaining the security measures that were happening - or not happening - in Brazil. The closing of borders between states, of stores, parts of the service sector, etc. A situation that was known through the news but the visibility of which was not attainable from a simple stroll in the streets of Rio de Janeiro: yes, a little decrease in public presence could be verified, but nothing like the measures quoted would be expected to have as a result. In a sense, the effects of the viral infection were not yet *visible* through my everyday means of inspection - a normal walk in the streets. Which brings me to clarify the idea of the present intervention: the disjunction between that which is *knowable* through the relevant scientific methods and data, and that which is *visible* through everyday experience.

3. To begin to tackle the dialectic between the knowable and the visible, I shall quote a paragraph from an anonymous text proposed by Fernando Zalamea:

There is a narrow corridor at Penn Station linking the subway with the NJ Transit platforms. The walls of this narrow corridor were always lined with vagrants and bums, wrapped in trash bags, sleeping on cartons, hugging their few belonging crammed into little trolleys, most of them soaked in their own urine, all of them half-crazy, mumbling to themselves, delirious. The great American workforce flowing in from New Jersey every morning would have to squeeze through this small tributary - this corridor of urine and bums. The sight hardly slowed anyone down. They passed it by, unflustered, like a river passes over the pebbles on its bed. I had to pass through it too - going upstream, into New Jersey. ...

But now I must pass them... as one passes kidney stones. These vagrants are the kidney stones that no system of ideas has managed to pass. And just as microscopic kidney stones are capable of incapacitating an entire organism, so these vagrants are capable of shutting down the

ao significado representacional e à visibilidade dos fenômenos que essas representações podem produzir. É um pedido de desculpas, no sentido de que, em tempos tão urgentes, parece um luxo se envolver no campo, não da teorização científica sobre o vírus, que não é da conta de um filósofo, mas da teorização das condições de teorização ela própria da situação social/natural em que nos encontramos. Mas é, também, insincero no sentido de que a justificativa e o valor de tal empreendimento serão exemplificados no decorrer do desenvolvimento aqui buscado. Por enquanto, confiaremos no dito de Slavoj Žižek: “Não aja, pense”, pois o pensamento abre caminho para o que deve ser feito, quando o que deve ser feito não é dado pelos nossos protocolos habituais de ação. Em certo sentido, não estou propondo soluções, muito mais afirmando, através de um esboço de uma fenomenologia da situação de contágio, porque é tão difícil implementar soluções do ponto de vista do sujeito individual.

2. A questão que pretendo abordar brevemente tem a ver com uma conversa que tive com um amigo alguns dias atrás sobre a situação do vírus aqui no Brasil. Na época, conversávamos com um amigo do exterior, aliás um amigo iraniano que morava no Canadá, explicando as medidas de segurança que estavam acontecendo - ou não acontecendo - no Brasil. Fechamento de fronteiras entre Estados, fechamento de lojas, de parte do setor de serviços, etc. Situação anunciada pelos noticiários, mas cuja visibilidade não estava disponível a um simples passeio pelas ruas do Rio de Janeiro: sim, poderia ser verificada alguma diminuição de presença pública nas ruas, mas nada como o que se esperava com as medidas anunciadas. Em certo sentido, os efeitos da infecção viral ainda não eram visíveis através dos meus meios cotidianos de inspeção – um passeio normal nas ruas. O que me leva a esclarecer a idéia da presente intervenção: a disjunção entre o que é cognoscível através dos métodos e dados científicos relevantes e o que é visível através da experiência cotidiana.

3. Para começar a abordar a dialética entre o cognoscível e o visível, citarei um parágrafo de um texto anônimo proposto por Fernando Zalamea.

Há um corredor estreito na Penn Station ligando o metrô às plataformas do NJ Transit. As paredes desse corredor

kidney function of the whole of Humanity. To see these pebbles as kidney stones: to be struck by a new “aspect.”¹

The quoted text, “Wittgenstein Sheaves,” intends to shed light upon Wittgenstein’s philosophical method through the method of *sheaves* - the “gluing” of separate pieces of informations into a whole.

A sheaf is thus a rule

F : Space → Structures that is both compatible and satisfies a local-to-global condition and where a “space” is the object we are interested in studying and “structures” are those objects that we already “know enough about.” To construct a sheaf on some space allows us to “shift the discourse” from something less well-understood to something better-understood by ensuring that the less well-understood object is faithfully patched together from regions of better-understood structures.²

In the example, a comparison between two pieces of information draws a transference from one domain to the other - and the corridor of vagrants is seen as the result of a systemic problem: a *political* dimension emerges not by a conceptual analysis of the situation, but through the proximity of the images. In this sense, contrary to the Žižekian dictum, Zalamea turns to the Wittgensteinian one: “Don’t think, look.”

In my sense, what is needed is to learn through thinking to see differently. Something like this must come to pass in the case of COVID-19. We must, in a sense, learn to see otherwise, *not just* believe the information, but see it in the streets. We must learn to see the corridor not as pebbles but as both victims and conduits for the virus. In a sense, we must learn to inhabit a different world.

4. Nelson Goodman thought that we lived not in one readymade world, but in several worlds at once, worlds created through the symbolic means of humanity.

¹ “Wittgenstein Sheaves (Anonymous, Communicated by Fernando Zalamea),” *Glass Beads* (2020), 7. <https://www.glass-bead.org/research-platform/wittgenstein-sheaves/?lang=enview>.

² “Wittgenstein Sheaves,” 3.

estreito estavam sempre cheias de mendigos e moradores de rua, embrulhados em sacos de lixo, dormindo em caixas de papelão, abraçando seus poucos pertences amontoados em carrinhos de mercado, a maioria deles encharcada em sua própria urina, todos meio loucos, resmungando, delirantes. A grande força de trabalho americana que chegava de Nova Jersey todas as manhãs teria que se espremer por esse pequeno tributo - esse corredor de urina e mendigos. Esta visão dificilmente atrasava as pessoas. Eles passaram por ela, sem nenhum questionamento, como um rio passa sobre as pedras em seu leito. Eu também tive que passar por isso – subir rio acima, para Nova Jersey. ...

Mas agora devo passar por eles... como se passam pedras nos rins. Esses mendigos são as pedras nos rins que nenhum sistema de idéias conseguiu passar adiante. E assim como as pedras nos rins microscópicas são capazes de incapacitar um organismo inteiro, esses mendigos são capazes de desligar a função renal de toda a humanidade. Ver essas pedras como pedras nos rins: ser atingido por um novo “aspecto”.²

O texto citado, “Wittgenstein Sheaves”, pretende lançar luz sobre o método filosófico de Wittgenstein através do método topológico de feixes - a “colagem” de informações separadas formando um todo.

Um feixe é, portanto, uma regra

F : Espaço → Estruturas, que são compatíveis e satisfazem uma condição local-global e onde um “espaço” é o objeto que estamos interessados em estudar e “estruturas” são aqueles objetos sobre os quais já “conhecemos o suficiente”. Construir um feixe sobre algum espaço nos permite “mudar o discurso” de algo menos bem compreendido para algo mais bem compreendido, garantindo que o objeto menos bem entendido seja fielmente remendado a partir de regiões de estruturas mais bem compreendidas.³

² “Wittgenstein Sheaves (Anonymous, Communicated by Fernando Zalamea),” *Glass Beads* (2020), 7. <https://www.glass-bead.org/research-platform/wittgenstein-sheaves/?lang=enview>.

³ “Wittgenstein Sheaves,” 3.

Consider, to begin with; the statements “The sun always moves” and “The sun never moves” which, though equally true, are at odds with each other. Shall we say, then, that they describe different worlds, and indeed that there are as many different worlds as there are such mutually exclusive truths? Rather, we are inclined to regard the two strings of words not as complete statements with truth-values of their own but as elliptical for some such statements as “Under frame of reference A, the sun always moves” and “Under frame of reference B, the sun never moves” - statements that may both be true of the same world. Frames of reference, though, seem to belong less to what is described than to systems of description: and each of the two statements relates what is described to such a system. If I ask about the world, you can offer to tell me how it is under one or more frames of reference; but if I insist that you tell me how it is apart from all frames, what can you say? We are confined to ways of describing whatever is described. Our universe, so to speak, consists of these ways rather than of a world or of worlds.³

To learn to inhabit the new world is to learn to understand everyday experience through a different set of lenses, a different frame of reference. But in Goodman’s sense, frames of reference are the labor of Humanity’s symbolic powers. The very fact that in the present case the world being fabricated is not just the product of our own making as symbol dwellers puts up a challenge to Goodman’s account of *Worldmaking*. It stresses the dimension of external constraints being forced upon us, to which one must adapt. It expresses the truth of realism - that there is a mind-independent reality, with the caveats of a form of Idealism- that the ways of constituting it are multiple. “Wittgenstein’s position on this point is, as we have seen, that certain facts could make our language games impossible or without interest, but that none of the facts which we can note and mention made them necessary.”⁴

³ Nelson Goodman, *Ways of Worldmaking* (Indianapolis: Hackett Publishing, 1978), 2-3.

⁴ “La position de Wittgenstein sur ce point est, nous l’avons vu, que certains faits pourraient rendre nos jeux de langage impossibles ou sans intérêt, mais qu’aucun des faits que nous pouvons constater et mentionner ne les a rendus nécessaires.” Jacques Bouveresse, *Le mythe de l’intériorité. Expérience, signification et langage privé chez Wittgenstein* (Paris: Les Éditions de

No exemplo dado, uma comparação entre duas informações leva a uma transferência de um domínio para outro - e o corredor dos moradores de rua é visto como resultado de um problema sistêmico: uma dimensão política emerge não pela análise conceitual da situação, mas através da proximidade das imagens. Nesse sentido, ao contrário do dito Žižekiano, Zalamea se volta para o dito Wittgensteiniano: “Não pense, olhe”. O que é necessário é aprender através do pensamento para ver de forma diferente.

Algo assim deve acontecer no caso do COVID-19. Em certo sentido, devemos aprender um novo *ver-cómo* (“ver algo como algo”), não apenas acreditar nas informações, mas vê-las nas ruas. Devemos aprender a ver o corredor não como pedras, mas como vítimas e condutores do vírus. De certo modo, devemos aprender a habitar um mundo diferente.

4. Nelson Goodman pensava que não vivíamos em um mundo pronto, mas em vários mundos ao mesmo tempo, mundos criados através dos meios simbólicos da humanidade.

Considere, para começar; as afirmações “O sol sempre se move” e “O sol nunca se move” que, embora igualmente verdadeiras, estão em desacordo. Devemos dizer, então, que eles descrevem mundos diferentes e, de fato, que existem tantos mundos diferentes quanto essas verdades mutuamente excludentes? Em vez disso, estamos inclinados a considerar as duas cadeias de palavras não como afirmações completas com valores de verdade próprios, mas elípticas para algumas afirmações como “Sob o quadro de referência A, o sol sempre se move” e “Sob o quadro de referência B, o sol nunca se move” - declarações que podem ambas serem verdadeiros para o mesmo mundo. Os quadros de referência, no entanto, parecem pertencer menos ao que é descrito do que aos sistemas de descrição: e cada uma das duas afirmações relaciona o que é descrito a esse sistema. Se eu perguntar sobre o mundo, você pode me dizer como ele está sob um ou mais referenciais; mas se eu insistir em que você me diga como está separado de todos os quadros, o que você pode dizer? Estamos confinados a maneiras de

5. The transition between the worlds being examined here is not just a transition between two *visible* worlds, but it is also the emergence of something out of *invisibility*. An invisibility that is the result of a difference of *scale* amongst phenomena. The virus itself, as a token of this invisibility, makes itself visible through its effects only: both the disease, if one gets it, and other effects at different time-scales, spatially scattered - the effects on herd dynamics and on the economy. The effects that were missing, although expected, in my stroll on the streets of Rio de Janeiro four days ago, that were starting to become present two days ago.

How should one respond to an invisible menace? How should we respond to the creeping effects of its dissemination? What kinds of sheaves are to be constructed from these phenomena to our sensibility? These are the questions that are to be asked here.

In a text just published, Nassim Nicholas Taleb and Joseph Norman take a jab at the individualist libertarian understanding of the scaling relationship of the risk of the virus between the individual and the socius:

Assume a risk of a multiplicative viral epidemic, still in its early stages. The risk for an individual to catch the virus is very low, lower than other ailments. It is therefore “irrational” to panic (react immediately and as a priority). But if she or he does not panic and act in an ultra-conservative manner, they will contribute to the spread of the virus and it will become a severe source of systemic harm. Precaution scales in a convex way for crossdependent small idiosyncratic risks that end up dynamically extremely large at the systemic level. Hence one must “panic” individually (i.e., produce what seems to be an exaggerated response) in order to avoid systemic problems, even where the immediate payoff does not appear to warrant it.⁵

In other words, to be *ethical* in a pandemic one must use an *as if* argument - something familiar to every Kantian out there, but here

Minuit, 1987), 593.

⁵ Nassim Nicholas Taleb and Joe Norman, “Ethics of Precaution: Individual and Systemic Risk,” *Academia.edu* (March 2020). https://www.academia.edu/42223846/Ethics_of_Precaution_Individual_and_Systemic_Risk.

descrever o que quer que seja descrito. Nosso universo, por assim dizer, consiste dessas maneiras e não de um mundo ou de mundos.⁴

Aprender a habitar o novo mundo é aprender a entender a experiência cotidiana através de um conjunto diferente de lentes, um quadro de referência diferente. Mas, no sentido de Goodman, os quadros de referência são o trabalho dos poderes simbólicos da Humanidade. O próprio fato de que, no presente caso, o mundo que está sendo fabricado não é apenas o produto de nossa própria criação enquanto “habitantes do conceito” coloca um desafio à descrição que Goodman oferece sobre a criação de mundos (*Worldmaking* em seu vocabulário técnico). Este fato enfatiza a dimensão das restrições externas que nos são impostas, às quais devemos nos adaptar. Expressa a verdade do Realismo – que existe uma realidade independente da mente, com as ressalvas de uma forma de Idealismo - de que as formas de constituir-lo são múltiplas. “A posição de Wittgenstein sobre esse ponto é, como vimos, que certos fatos podem tornar nossos jogos de linguagem impossíveis ou sem interesse, mas que nenhum dos fatos que podemos observar e mencionar os tornou necessários”.⁵

5. A transição entre mundos aqui sendo examinados não é apenas uma transição entre dois mundos visíveis, mas é também o surgimento de algo a partir da invisibilidade. Uma invisibilidade que é o resultado de uma diferença de *escala* entre os fenômenos. O próprio vírus como exemplo dessa invisibilidade se torna visível apenas por seus efeitos: tanto a doença, se contraída pela pessoa, quanto outros efeitos em escalas de tempo diferentes, e dispersas espacialmente: os efeitos na dinâmica social e na economia. Os efeitos que estavam faltando, embora fossem esperados, no meu passeio pelas ruas do Rio de Janeiro quatro dias atrás, e que começavam a se tornar presentes dois dias atrás.

Como se deve responder a uma ameaça invisível? Como devemos responder aos efeitos assustadores de sua disseminação? Que tipos

⁴ Nelson Goodman, *Ways of Worldmaking* (Indianapolis: Hackett Publishing, 1978), 2-3.

⁵ “La position de Wittgenstein sur ce point est, nous l'avons vu, que certains faits pourraient rendre nos jeux de langage impossibles ou sans intérêt, mais qu'aucun des faits que nous pouvons constater et mentionner ne les a rendus nécessaires.” Jacques Bouveresse, *Le mythe de l'intériorité. Expérience, signification et langage privé chez Wittgenstein* (Paris: Les Éditions de Minuit, 1987), 593.

for empirical reasons. One must believe in that which is not livable in the moment - the exponential growth of effects that are detected once it is already too late. In this context, *fear* acquires a cognitive purchase - once our *seeings-as* are reasonably calibrated to the new conditions - by listening to the news and watching the growth of distancing behaviors from our peers, fear takes place as something *real* is thought to be happening. In a sense, fear comes to be the content of the form, which is the knowledge of the existence of the virus - as in the Kantian phrase "concepts without intuitions are empty." Fear brings the concept home.

6. But fear has political implications that ought to be balanced. The job taken by the text in question has to do with the fact that, if the stakes are low for the individual, she tends to take unnecessary risks, even if the stakes are high for the community. Any politics that insists on the liberal understanding of the freedom of movement in this atomistic sense is condemned in the present juncture. At the same time, this pandemic is a patchwork engine, prompting nations and states to close off borders, in a movement towards decentralization and the severing of lines of commerce between them - even if lines of communication are more important than ever.

7. Even if desirable, at the individual level, not everyone can isolate themselves, and the present crisis by making itself visible is also making visible the rift between those who can and those who cannot; and the injunction to maximally isolate individuals from contact opens the door to violations from State interventions that, while acceptable in times of crisis like ours, run the risk of becoming commonplace, with governments and corporations seizing on the opportunity to fasten control over its users and citizens.

Will the present crisis mark the end of a politics that insists upon the priority of the economical calculation based on individual wants and needs, pushing forward a politics of the common that recognizes public health as a good to be shared amongst all? Or will this be the beginning of new kinds of surveillance to be pursued by those on the top in order to maximize the reproduction of their profit and dominion?

Within the response to this predicament also lies possible responses to other crises to come that ask for broader cooperation between lo-

de feixes devem ser construídos desses fenômenos para nossa sensibilidade? Estas são as perguntas que faço aqui.

Em um texto recém-publicado, Nassim Nicholas Taleb e Joseph Norman criticam a compreensão libertária individualista da relação de escala do risco de vírus entre o indivíduo e o socius:

Considere o risco de uma epidemia viral multiplicativa, ainda em seus estágios iniciais. O risco de um indivíduo pegar o vírus é muito baixo, menor do que em outras doenças. Portanto, é "irracional" entrar em pânico (reagir imediatamente como prioridade). Mas se ele ou ela não entrar em pânico e agir de maneira ultraconservadora, eles contribuirão para a disseminação do vírus e ele se tornará uma fonte grave de dano sistêmico. A precaução é dimensionada de maneira convexa para pequenos riscos idiossincráticos interdependentes que acabam tornando-se dinamicamente extremamente grandes no nível sistêmico. Portanto, é preciso "entrar em pânico" individualmente (isto é, produzir o que parece ser uma resposta exagerada) para evitar problemas sistêmicos, mesmo quando o ganho imediato não parece justificá-lo.⁶

Em outras palavras, para ser ético em uma pandemia, deve-se usar um argumento do tipo *como se* - algo familiar a todos os kantianos por aí, mas aqui por razões empíricas. É preciso acreditar naquilo que não é habitável no momento - o crescimento exponencial dos efeitos que são somente detectados quando já é tarde demais. Nesse contexto, o medo possui uma dimensão cognitiva, uma vez que nossos *veres-cómo* são razoavelmente calibrados para as novas condições. Ouvindo as notícias e observando o crescimento dos comportamentos de distanciamento de nossos pares, o medo ocorre quando o que vemos é pensado como realmente acontecendo. Em certo sentido, o medo passa a ser o conteúdo da forma que é o conhecimento da existência do vírus - como na frase kantiana "conceitos sem intuições são vazios". O medo traz o conceito para casa.

⁶ Nassim Nicholas Taleb and Joe Norman, "Ethics of Precaution: Individual and Systemic Risk," *Academia.edu* (March 2020). https://www.academia.edu/42223846/Ethics_of_Precaution_Individual_and_Systemic_Risk.

cal powers beyond the current economic-political suture. The question becomes then: can the lessons learned from the COVID-19 pandemic be repurposed for the approaching of other systemic world problems?

8. In an email exchange with Žižek, my friend Gabriel Tupinambá states another variation of the theme of the interrelation of fear and knowledge. I quote Žižek's quote of him:

Tupinambá further noticed that the same paradox held for the outburst of the HIV crisis: *"the invisible spread of the HIV crisis was so nerve-wracking, the impossibility of rendering ourselves commensurate with the scale of the problem, that having one's passport 'stamped' [with HIV] did not seem, to some, like too high a price to pay for giving the situation some symbolic contours. It would at least give a measure to the power of the virus and deliver us to a situation in which, already having contracted it, we could then see what sort of freedom we would still have."*

The moment the spectral agent becomes part of our reality (even if it means catching a virus), its power is localized, it becomes something we can deal with (even if we lose the battle). As long as this transposition into reality cannot take place, *"we get trapped either in anxious paranoia (pure globality) or resort to ineffective symbolizations through acting outs that expose us to unnecessary risks (pure locality)."*⁶

Tupinambá's mobilization of pure globality and pure locality expresses well the predicament of a phenomenology of the pandemic - that between the necessity of believing the reality of that which is invisible - that is, maintaining a minimal "thickness" to the hypothesis of the existence of the virus, without succumbing either to anxious paranoia, or to its reverse - projective denegation of its existence. The predicament is not exclusive to the present pandemic, but is ubiquitous in the experience of contemporary global capitalism, wherein processes with causal efficacy supersede our capacity

⁶ Slavoj Žižek, "Slavoj Žižek's COVID-19 Lockdown Survival Guide: Guilty Pleasures, Valhalla Murders and Pretending It's Just a Game," *Russia Today* (March 28, 2020). <https://www.rt.com/op-ed/484270-covid-zizek-survival-guide>.

6. Mas o medo tem implicações políticas que devem ser consideradas. A crítica do texto em questão tem a ver com o fato de que, se as apostas são baixas para o indivíduo, este tende a correr riscos desnecessários, mesmo que as apostas sejam altas para a comunidade. Qualquer política que insista no entendimento liberal-individualista da liberdade de movimento nesse sentido atomístico está no presente momento condenada. Ao mesmo tempo, essa pandemia é um maquina de geração de *patchworks* ("retalhos"), levando nações e estados a fechar fronteiras, em um movimento em direção à descentralização e ao rompimento das linhas de comércio entre elas - mesmo que a manutenção das linhas de comunicação seja mais importante do que nunca.

7. Mesmo que desejável, no nível individual, nem todos podem se isolar, e a crise atual, tornando-se visível, também está tornando mais visível a brecha entre quem pode e quem não pode; e a liminar de isolar ao máximo os indivíduos do contato abre as portas para violações de direitos pelo Estado, que, embora compreensíveis em tempos de crise como o nosso, correm o risco de se tornarem normais, com governos e empresas aproveitando a oportunidade para acelerar o controle sobre seus usuários e cidadãos.

A crise atual marcará o fim de uma política que insista na prioridade do cálculo econômico baseado nos desejos e necessidades individuais, promovendo uma política do Comum que reconheça a saúde pública como um bem a ser partilhado entre todos? Ou será este o começo de novos tipos de vigilância a serem perseguidos pelos que estão no topo, a fim de maximizar a reprodução de seu lucro e domínio?

Dentro da resposta a essa situação, também estão possíveis respostas a outras crises que pedem uma cooperação mais ampla entre as potências locais além da sutura político-econômica atual.

A questão torna-se então: as lições aprendidas da pandemia do COVID-19 podem ser reorientadas para a abordagem de outros problemas sistêmicos no mundo?

8. Em uma troca de e-mail com Žižek, meu amigo Gabriel Tupinambá afirma outra variação do tema da inter-relação de medo e saber. Cito a citação de Žižek sobre ele:

of making sense. In a sense, we are not inhabiting different worlds in the sense of Goodman here, diachronically switching between the worlds of art, scientific theories and philosophemes, but we are inhabiting a split between an *intrusion* to our abilities of worldmaking and the worlds we fashion to try and make sense of it. The phenomenon/noumenon split is *immanentized* within the situation.

In this situation, fear is most intense while it is a fear of the unknown. As Žižek comments in the same text: "if there is no great change in our daily reality, then the threat is experienced as a spectral fantasy nowhere to be seen and all the more powerful for that reason."

If *fear*, which has an important cognitive purchase in the present situation, brings the concept home, by achieving some kind of experienceable *scaling*, the concept brings *fear back home* - domesticating it for productive use.

9. Took a stroll alone yesterday. Streets are empty, stores are closed. Remembered a line from the *I Ching* to be taken as an ethical imperative by everyone - another *as if* argument to be mobilized in the world in formation.

Thunder mingles with startled screams of terror for a hundred miles around. As the people nervously laugh at their own fright, the devout presents the sacrificial chalice with nary a drop of wine spilt.

Many thanks to Mohammad Salemy and Gabriel Tupinambá for instigating the writing of this text.

"a expansão invisível da crise de HIV foi tão desgastante, a impossibilidade de nos tornarmos proporcionais à escala do problema, que ter um passaporte 'carimbado' [com HIV] não parecia, para alguns, um preço muito alto a se pagar por dar à situação alguns contornos simbólicos. Daria, ao menos, uma medida do poder do vírus e nos levaria a uma situação na qual, já tendo contraído, poderíamos ver que tipo de liberdade ainda teríamos."

No momento em que o agente espectral se torna parte da nossa realidade (mesmo quando isso significa pegar um vírus), seu poder é localizado, se torna algo com o qual nós podemos lidar (mesmo se perdermos a batalha). Enquanto essa transposição para a realidade não puder ocorrer, "nós ficamos presos na ansiedade paranoica (pura globalidade) ou recorremos a simbolizações ineficazes através de acting outs que nos expõe a riscos desnecessários (pura localidade)".⁷

A mobilização por Tupinambá da pura globalidade e da pura localidade expressa bem a situação de uma fenomenologia da pandemia - aquela entre a necessidade de acreditar na realidade daquilo que é invisível - ou seja, mantendo uma "espessura" mínima à hipótese da existência da vírus, sem sucumbir à paranoia ou à denegação projetiva quanto à sua existência. A situação não é exclusiva da pandemia atual, mas é onipresente na experiência do capitalismo global contemporâneo, em que processos com eficácia causal ultrapassam nossa capacidade de fazer sentido deles. Em certo sentido, não estamos habitando mundos diferentes no sentido de Goodman aqui, alternando diacronicamente entre os mundos da arte, teorias científicas e filosofemas, mas estamos vivendo uma intrusão externa em nossas habilidades de criação de mundo e os mundos que modelamos. A divisão fenômeno/númeno é imanentizada dentro da presente situação.

Nesta conjuntura, o medo é mais intenso, enquanto é um medo do desconhecido. Como Žižek comenta sobre o mesmo texto: "se não há nenhuma grande mudança em nossa realidade cotidiana, então a

⁷ Slavoj Žižek, "O guia de sobrevivência da quarentena de Slavoj Žižek: prazeres culposos, Assassinos de Valhalla e finja que isso é apenas um jogo," traduzido por Victor Pimentel, *Lavra Palavra* (Marco 31, 2020). <https://lavrpalavra.com/2020/03/31/o-guia-de-sobrevivencia-da-quarentena-de-slavoj-zizek-prazeres-culposos-assassinos-de-valhalla-e-finja-que-isso-e- apenas-um-jogo>.

ameaça é experimentada como uma fantasia espectral não localizável em lugar nenhum, e ainda mais poderosa por essa razão”.

Se o medo tem uma importante função cognitiva na situação atual, trazendo o conceito para casa, ao alcançar algum tipo de escala experimentável, é o conceito que traz o medo de volta para casa - domesticando-o para uso produtivo.

9. Andei sozinho ontem. As ruas estão vazias e as lojas estão fechadas. Lembrei de uma linha do *I Ching* a ser tomada como imperativo ético - outro argumento *como-se* a ser mobilizado no mundo em formação.

O choque gera pavor num raio de cem milhas e ele não deixa cair a colher do cerimonial de sacrifício, nem o cálice.

Muito obrigado a Mohammad Salemy e Gabriel Tupinambá por instigarem a redação deste texto.

Traduzido do inglês pelo autor